

# FABULAÇÕES DO ANTROPOCENO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM TRÊS LIVROS: *CORPOS BENZIDOS EM METAL PESADO*, DE PEDRO AUGUSTO BAÍA; *ERVA BRAVA*, DE PAULLINY TORT E *O GOSTO AMARGO DOS METAIS*, DE PRISCA AUGUSTONI

FABULATIONS OF THE ANTHROPOCENE IN CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE  
IN THREE BOOKS: *CORPOS BENZIDOS EM METAL PESADO*, BY PEDRO AUGUSTO BAÍA;  
*ERVA BRAVA*, BY PAULLINY TORT AND *O GOSTO AMARGO DOS METAIS*, BY PRISCA  
AUGUSTONI

FABULACIONES DEL ANTROPOCENO EN LA LITERATURA BRASILEÑA CONTEMPORÂNEA  
EM TRÊS LIBROS: *CORPOS BENZIDOS EM METAL GROSSO*, DE PEDRO AUGUSTO BAÍA; *ERVA  
BRAVA*, DE PAULLINY TORT Y *O GOSTO AMARGO DOS METAIS*, DE PRISCA AUGUSTONI

Natalia Borges Polesso\*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO: Este artigo propõe algumas direções e questões sobre como pensar, analisar e compreender as imagens do antropoceno produzidas na literatura e, mais especificamente, em três obras da literatura brasileira contemporânea. Ao trazer a noção de dispositivo (Foucault, 2006), de colonialidade (Quijano, 2005), de ecologia decolonial (Ferdinand, 2022) e de responsabilidade (Haraway, 2023) para dialogar com obras que fogem do gênero romance, é possível ampliar as análises literárias para pensar a literatura como dispositivo antropocênico (Polesso, 2024). Assim, considera-se a literatura para além de uma forma de arte, um

---

\*Doutora em Teoria da Literatura e professora da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), nas áreas de Letras e Escrita criativa, Coordenadora do Núcleo de Pesquisa sobre Criação Literária, da PUCRS e do GP Atlas do Antropoceno. E-mail:natalia.polesso@pucrs.br.

modo de fazer mundos. Para fins de repositório, o artigo cita alguns livros que se enquadram nessa produção de imagem e analisa três.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Literatura brasileira. Antropoceno. Imaginações.

RESUMEN: Este artículo propone algunas direcciones y preguntas sobre cómo pensar, analizar y comprender las imágenes del antropoceno producidas en la literatura y, más específicamente, en tres textos de literatura brasileña contemporánea. Al poner en diálogo la noción de dispositivo (Foucault, 2006), colonialidad (Quijano, 2005), ecología decolonial (Ferdinand, 2022) y responsabilidad (Haraway, 2023) con obras que van más allá del género novelesco, es posible ampliar los análisis literarios para pensar la literatura como un dispositivo antropocénico (Polesso, 2024). Así, la literatura se considera más que una forma de arte, una forma de crear mundos. A modo de repositorio, el artículo cita algunos libros que se enmarcan en esta producción de imágenes y analiza tres.

PALABRAS CLAVE: Literatura. Literatura brasileña. Antropoceno. Imaginaciones.

ABSTRACT: This article proposes some directions and questions on how to think, analyze, and understand images of the Anthropocene produced in literature and, more specifically, in three works of contemporary Brazilian literature. By bringing the notion of dispositif (Foucault, 2006), coloniality (Quijano, 2005), decolonial ecology (Ferdinand, 2022), and responsibility (Haraway, 2023) to dialogue with works that go beyond the novel genre, it is possible to broaden literary analyses to think of literature as an Anthropocene dispositif (Polesso, 2024). Thus, literature is considered beyond an art form, a way of making worlds. For repository purposes, the article cites some books that fit into this image production and analyzes three.

KEYWORDS: Literature. Brazilian literature. Anthropocene. Imaginations.

## 1 INTRODUÇÃO

Desastres naturais e/ou humanos, eventos climáticos e seus efeitos no presente e em visões de futuridades têm vazado cada vez mais para a literatura de modo geral, e para a literatura brasileira, não apenas para aquela dita “de gênero”, que considera universos diatópicos ou fantasiosos em seus enredos, mas também para a pretensamente desadjetivada – e isso já traz uma crítica embutida, mas não é o assunto a ser tratado neste artigo –, para a ficção realista e para a poesia. Entendo esses atravessamentos como índices do Antropoceno. A crise climática e a tentativa de compreensão coletiva não apenas do conceito de Antropoceno, mas dos acontecimentos do mundo de modo mais ecológico, popularizam um esforço epistêmico que se nota mais nos programas de televisão, rádio, podcasts e grande mídia, além de estar afetando cada vez mais e muito fortemente o fazer artístico na literatura e em outras artes, em termos temáticos e estéticos. Esses indicadores empíricos talvez digam sobre a hipótese de o antropoceno não ser apenas compreendido como um conceito, mas realmente como uma realidade política, social, cultural e geológica, embora os geólogos da Comissão Internacional de Estratigrafia, no início do ano de 2024, tenham negado seu nome. Contudo, eventos climáticos e desastres seriam apenas alguns desses índices. Talvez os mais marcantes. Porém, há outros, tais como um desfazimento ou mesmo um sutil apagamento das fronteiras coloniais entre Natureza e Humanidade ou Natureza e Sociedade Humana; modos diferentes de considerar os sonhos; novas formas de ver o futuro; uma certa conscientização sobre como precisamos tornar mais complexo o pensar a terra e o fazer mundos, o delineamento de zonas de sacrifício. São essas outras construções literárias que me interessam e das quais tenho me ocupado.

À guisa de explicação, grosso modo, o Antropoceno vai estabelecer um tempo em que a existência humana se torna a forma determinante na vida planetária. Isso não quer dizer que os seres humanos apenas afetem o seu meio, mas que nós, os seres humanos, modificamos as estruturas geológicas, de funcionamento e de pensamento do planeta terra. Isto é, o termo Antropoceno revela que a humanidade é o maior agente de transformação geológica do planeta, neste momento, e que humanidade criou uma ruptura sem precedentes na lógica e no funcionamento do planeta. Essa mudança, supostamente irreversível, faz do Antropoceno um deslocamento radical.

Evidentemente que o Antropoceno não é um conceito livre de contradições e disputas. Por isso, interessa pensar como os teóricos das sociais e humanidades têm fragmentado, distendido e eletrizado esse conceito desde o seu surgimento no ano 2000, com Paul

Crutzen e Eugene Stoermer. Os referidos pesquisadores dataram o início do Antropoceno no final do século XVIII, pensando no efeito das concentrações atmosféricas de vários gases de efeito estufa. Desde aí, alguns *golden spikes* têm sido aventados e cada um deles vai dizer respeito a um modo de pensar nossas interferências na Terra, bem como diferentes visões teóricas e de mundo.

Para mim, localizar o evento que inaugura o Antropoceno com a invasão das américas significa pensar no contato inédito entre populações, no sequestro de pessoas do continente africano, na produção de um grande e contínuo trauma, no genocídio de povos originários de Abya Yala e suas epistemologias, na mudança dos modos de manejo da floresta, nas enormes mudanças de biomas, na criação de territórios ultramarinos, na formação de estruturas de *plantation* (aqui com casa-grande, engenho e senzala) como uma nova engenharia de paisagem (humana e não-humana) que instaura um modo novo de habitar o mundo. Malcom Ferdinand (2022), teórico francês que teoriza sobre a experiência caribenha, vai chamar esse processo de *habitar colonial do mundo*.

Habitar a Terra começa nas relações com os outros. Assim, o habitar colonial designa uma concepção singular da existência de certos humanos sobre a Terra – os colonizadores –, e de suas relações com os outros humanos – não colonizadores –, assim como de suas maneiras de se reportar à natureza e aos não humanos dessas ilhas. Esse habitar colonial contém princípios, fundamentos e formas (Ferdinand, 2022, p. 48-49).

É preciso destacar que Ferdinand designa “certos humanos”, sendo eles os colonizadores, como os primeiros agentes antropogênicos. Pensar dessa forma convoca mesmo a um engajamento radical com a realidade e suas (e nossas) contradições. Isso seria o que Donna Haraway (2023) descreve como *response-ability*, uma capacidade de resposta frente ao que se apresenta, uma resposta responsável, ética, que não deixa de vir com alegria e horror. Uma resposta que está consciente dos processos que modificaram para sempre nossas vidas, especialmente nas Américas e no continente África. Isto é, se estamos habitando o mundo estabelecido pelo modelo colonial, que mais adiante estabelece o capitalismo e o neoliberalismo, não apenas como sistema, mas como modo de pensar/ser/estar, é dessa a mente colonial e colonialista que se precisa estar consciente. Sobre a colonialidade, algo que talvez não seja tão evidentemente visto como marcações do antropoceno, ela emerge em práticas de pensamento e lógicas de opressão que criam e recriam fins de mundo (e seus desastres) desde seu estabelecimento, como explica Quijano (2005), por exemplo, com a ideia de raça e a noção de colonialidade do poder.

A classificação *racial* da população e a velha associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não pago, não assalariado, do trabalho, desenvolveu entre os europeus ou brancos a específica percepção de que o trabalho pago era privilégio dos *brancos*. A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos. Não é muito difícil encontrar, ainda hoje, essa mesma atitude entre os terratenentes brancos de qualquer lugar do mundo. E o menor salário das *raças inferiores* pelo mesmo trabalho dos *brancos*, nos atuais centros capitalistas, não poderia ser, tampouco, explicado sem recorrer-se à classificação social racista da população do mundo. Em outras palavras, separadamente da colonialidade do poder capitalista mundial (Quijano, 2005, p. 120).

Interessam mormente, neste ensaio, literaturas que se delineiam contra essa trama e a favor de sua desarticulação. Isso inclui a produção crítica de imaginários tanto que representem quanto que desorbitem imagens de subjugação humana e não-humana, ou seja, novos modos de narrar o mundo ou os mundos possíveis. São essas frestas que vão erodindo a ideia dura de Antropoceno que tenho buscado e é isso que torna o conceito tão interessante na produção literária.

Nesse sentido, Donna Haraway (2023) faz uma contribuição imensa quando, em sua pesquisa, desvela seu modo de pensar em SFs (*scientific facts*), fatos científicos e seus vários desdobramentos em fabulações especulativas, feminismo especulativo, *String figures* (figuras de barbante ou cama de gato), aquele jogo feito a quatro mãos. Haraway (2023, p. 28) diz:

Transmissões, revezamentos, figuras de barbante, passar padrões adiante em idas e vindas, dar e receber, modelar padrões, sustentar o padrão que não foi solicitado nas próprias mãos, responsabilidade... tudo isso é crucial ao que entendo por “ficar com o problema” em mundos seriamente multiespécies. Devir-com, e não simplesmente devir, é a regra do jogo.

## 2 DEVIR COM

*Devir com* é um processo intrincado para ser executado numa sociedade moldada para o individualismo, as identidades nacionais e a visão de identidades complexas como pautas identitárias, bem como seus apagamentos. Investigar a criação e a produção tendo em mente essa teia teórica que venho vislumbrando é estar ciente das complexidades do texto literário, bem como de quem o produz. Entendo que a consciência e a compreensão dessa trama colonial podem variar de sujeito para sujeito, e isso não se pode medir, mas certamente esses vislumbres aparecem nas narrativas em espaços, tempos, personagens, narradores e tramas. O texto literário é um modo de pensar o mundo. Creio que algo vai se alastrando pela literatura contemporânea, compondo e decompondo a ficção e a poesia. São as literaturas produzidas a partir desta compreensão que mais me interessam. Dois exemplos de livros, recentemente premiados, que reimaginam narrativas coloniais são *Louças de família* (2023), de Eliane Marques e *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, ambos vencedores do Prêmio São Paulo de Literatura nas categorias melhor romance estreante e melhor romance, respectivamente. Ambos os livros têm no centro da trama personagens negras, que reconfiguram pontos de vistas coloniais.

Dessa forma, tenho pensado a literatura como um *dispositivo antropocênico*<sup>1</sup>, isto é, um dispositivo para que pensemos o mundo neste tempo-espaço, nesta não-oficialmente-nominada era. Claro que a literatura, de algum modo, sempre será uma elaboração do seu tempo. Antonio Candido argumentava isso em *Literatura e sociedade* (2014). Tensões e demandas político-sociais nos afetam a todo momento e nunca de maneira igual. Seja no campo das opressões ideológicas ou da materialidade, esses atravessamentos percorrem um longo caminho histórico que têm suas raízes fincadas nos processos de colonização e na subsequente colonialidade/modernidade e seus pilares. Não apenas Anibal Quijano, mas Walter Dignolo, Maria Lugones, Ramón Grosfoguel, entre outros, deram conta de esquadrihar esses pilares e nomearam, além da colonialidade do poder, a colonialidade do ser, do saber e de gênero, para debater melhor seus efeitos e como o modo de pensar eurocêntrico/colonial dominou e domina a América Latina (e o mundo) em termos de capital, extrativismo, gênero, raça e conhecimento científico.

Como já mencionado, observo que, cada vez mais, modos de pensar essa colonialidade e de pensar contra essa colonialidade têm vazado para a literatura contemporânea, e não surpreende que os sujeitos dessa produção estejam localizados majoritariamente fora de intersecções hegemônicas.

Cabe perguntar como o sistema literário e, mais especificamente, a universidade e a crítica literária têm lidado com as narrativas catastrofistas de fim-do-mundo? Como as têm enxergado? E com as narrativas que são uma vazão desse modo de habitar colonial? De que maneira a produção literária tem imaginado a vida das pessoas nesta crise que, muito além de climática, é política, democrática e histórica? É possível imaginar, desde nossas ruínas, existências humanas e não-humanas que participam do fim do mundo com alegria e terror? É possível imaginar o futuro sem reimaginar o passado? Reimaginar passados não contados ou não considerados não seria uma necessidade para que pudéssemos compreender melhor nossas possibilidades outras de futuros? Essas são questões pertinentes para guiar este e outros estudos, questões que não pretendo responder nesta breve especulação.

No excelente ensaio *Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em cartas do fim do mundo*, as pesquisadoras e os pesquisadores Ana Paula Valle Pereira, Daniel Ganzarolli Martins, Laís de Paula Pereira e Shaula Maíra Vicentini de Sampaio ressaltam que:

Ainda que alguns discursos proclamem por “sonhos de um mundo melhor”, como algumas educações ambientais preconizam, estes vão sendo tragados por abismos, lamas, secas, alagamentos. Sonhos que se (des)fazem na interface vida e morte, nos entre-mundos. Seja um mundo sem nós – futuro da inexistência – ou um nós sem mundo – futuro da decadência ecológica e sociológica –, vamos tentando de-compor o que está por vir através de criações, pensamentos, inventos e, assim, instaurando modos de existências que “não existem” (Pereira et al., 2019, p. 114).

Nesse sentido, penso que a ideia de dispositivo, presente nos pensamentos de Foucault (2006) e Agamben (2009), pode nos ajudar a entender a produção literária como um modo para melhor compreender e se relacionar com as tensões desse mundo em colapso, quiçá para compor e decompor as nossas narrativas de presente, passado e futuro. Para Foucault (2006), um dispositivo é uma prática

<sup>1</sup> Para compreender melhor o conceito de dispositivo antropocênico, ver Polesso (2024).

(discursiva e não-discursiva), um arranjo de poder que pode ser expresso em atitudes, falas ou teorias. Pensar elementos ecológicos na literatura é pensar seus atravessamentos coloniais de raça e gênero, considerando justamente o modo de habitar o mundo. Esse dispositivo antropocênico crítico que tenho buscado na literatura diz sobre colocar as narrativas oriundas de lugares hegemônicos em perspectiva e sobre olhar para o mundo com o olhar localizado a partir de culturas diversas, cosmovisões e perspectivas não humanas, por exemplo, pensar a colonização a partir dos biomas ou pensar o antropoceno a partir desses corpos sequestrados e colonizados. Ou ainda, considerar, nos últimos anos, o que vivemos politicamente neste país, que extrapolou os limites da ficção; considerar como é viver na era da pós-verdade, das *fake News*, essa arma de destruição em massa que transforma o modo como nos relacionamos com o real. E não digo apenas na medição das telas e das redes sociais, mas no convívio e nas conversas do nosso círculo de relações. Somos forçados a pensar que certos acontecimentos são tão inacreditáveis que se fossem ficção seriam inverossímeis. Mas não é assim. Há muitas ficções que dão conta de muitas nuances do que vem acontecendo nos últimos dez, vinte anos, sim. E também há mais de 500 anos, no Brasil. Ficções que tentam mostrar, fazer refletir e compor sobre nosso violento processo de colonização, que tem culminado nos últimos anos no sucesso do projeto necropolítico, de aniquilação dos corpos, das mentes, de existência, das epistemologias e da produção de sentido desses corpos e mentes, que não se conformam ao projeto colonial e suas normas e violências impostas em termos de gênero, raça, classe, orientação sexual e todas as outras tensões maiores ou menores que se cruzam no campo social e no campo que extrapola o humano. Com os corpos que, por não estarem em conformidade, sofrem consequências físicas, mentais, emocionais, econômicas, culturais, sociais e políticas. Por isso, o viés interseccional, que compreende a importância e a complexidade das marcas de identidade e de como elas compõem com a produção literária, é tão imprescindível de ser considerado de modo atento e teoricamente digno.

Com isso, não quero dizer que o lugar de fala deve ser o limite da criação, não penso que o lugar de fala seja estático e imutável, ao contrário, é complexo, móvel e multifacetado. Faço a consideração, pois é comum que me perguntem se é importante fazer a marcação de uma autoria lésbica na minha literatura, como vejo pessoas escritoras negras serem questionadas sobre se adjetivos como *preta*, *negra*, *periférica* preenchem sua produção literária. Isso não é uma regra, mas não é que o adjetivo dê um sentido totalizante à obra, mas certamente a localiza em suas complexidades. Porém, a questão reside no ponto em que o *outro* é sempre construído por um olhar alheio. É óbvio que as marcações de gênero, raça, classe, entre outras existem, e elas são atribuídas por forças hegemônicas. Do mesmo modo, quando, por exemplo, um escritor branco, cisgênero, rico e branco, em uma narrativa, constrói personagens que extrapolam suas próprias marcações, as categorias interseccionais que compõem o lugar de fala (desse escritor) não se suspendem quando ele escreve ficção. Logicamente, a ficção pode e deve ser o lugar da liberdade criativa, campo onde podemos escrever sobre o que desejamos da maneira como desejamos compor trabalhos estéticos. As composições ficcionais também são múltiplas. Mas o lugar de fala de cada um continua válido e ativo, produzindo tensões. Isto é, somos pessoas escritoras no mundo real, com caminhos de vida compostos e decompostos por atravessamentos identitários, não é possível se desvincular disso quando escrevemos. É isso que compõe nossa visão de mundo. Lugar de fala é o lugar da produção de sentido da visão de mundo. Repito, isso não significa produzir ficções que reflitam tão somente o lugar de fala que ocupamos – lembrando que nos movemos por essas tensões.

Poderia citar inúmeros romances publicados mais recentemente, que se encaixariam de modo exemplar na ideia de Antropoceno, tais como *Água Turva* (2024), de Morgana Kretzman; *Vento Vazio* (2024), de Marcela Dantes; *Os Grandes Carnívoros* (2024), de Adriana Lisboa; *Ressuscitar mamutes* (2024), de Silvana Tavano; *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida; *Salvar o fogo* (2023), de Itamar Vieira Junior; o *Manto da Noite* (2022), de Carola Saavedra; *O som do rugido da onça* (2021), de Micheliny Verunschik ou *A extinção das abelhas* (2021), de minha autoria; *Uma tristeza infinita* (2021), de Antonio Xerxenesky; *O deus das avenças* (2021) de Daniel Galera. Também poderia citar livros anteriores, tais como *As águas vivas não sabem de si* (2019), de Aline Valek; *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Reiners Terron; *Enterre seus mortos* (2018), de Ana Paula Maia e *Pequeno espólio do mal* (2018), de Luís Maurício Azevedo. Mas o eixo do romance ainda carrega suas próprias marcas do gênero, da circulação e da autoria, ainda predominantemente masculina (muito embora, meu levantamento se centre em produções de mulheres, pessoas trans e não-binárias). Escolho sair do eixo do romance para ir além no sentido de comentar como penso o Antropoceno na literatura fora do gênero, retomando alguns índices que elenquei no início deste artigo. Para relembrar, são eles: um desfazimento, um sutil apagamento das fronteiras coloniais entre Natureza e Humanidade ou Natureza e Sociedade Humana; modos diferentes de considerar os sonhos; novas formas de ver o futuro; uma certa conscientização sobre como precisamos tornar mais complexo o pensar a terra e o fazer mundos, o delineamento de zonas de sacrifício. A título de curiosidade, antes de entrar nos títulos que

analisarei, cito alguns que também poderia estar aqui fora do gênero romance, compreendendo a poesia, a crônica e o conto, tais como *07 notas sobre o apocalipse ou poemas para o fim do mundo* (2018), de Tatiana Nascimento; *Parem de nos matar* (2019), de Cidinha da Silva; *Ninguém quis ver* (2023), de Bruna Mitrano; *O congresso da melancolia* (2021), de Leo Tavares; *O gótico nordestino* (2021), Christiano Aguiar; *Sankofia: breves histórias afrofuturistas* (2018), Lu Ain-Zaila; *Crônicas do apocalipse* (2024), Débora Mestre; *Madreselva* (2023), de Angela Cuartas, entre outros.

Para a análise deste artigo, trago três livros fora do gênero romance e que se conectam pelo elemento *rio*. O primeiro é *Corpos benzidos em metal pesado*, de Pedro Augusto Baía, vencedor do Prêmio SESC de Literatura, publicado em 2022, pela Record; o segundo é *Erva Brava*, de Paulliny Tort, publicado pela Fósforo, em 2021, e finalista do Prêmio Jabuti de 2022; e o terceiro é *O gosto amargo dos metais*, de Prisca Augustoni, publicado pela 7Letras, em 2022, vencedor do Prêmio Oceanos, em 2023.

*Corpos benzidos em metal pesado* (2022) é uma coletânea de contos que traz cenários urbanos e rurais atravessados pela presença do metal e de outros elementos que desarranjam a paisagem. No conto *Carne de boi*, Pedro Augusto Baía narra a história de dois irmãos, Arú e Maria, que, por conta de um acidente com uma balsa que teve como consequência o afogamento dos bois que transportava, são impedidos de ir à escola. Ao ficarem em casa “desocupados”, vão de barco buscar açaí, no açailal que a família tinha como subsistência. Em um ponto, já no trajeto de barco, Maria comenta: “O rio adoeceu de novo, ficou fedorento” (Baía, 2022, p. 94). Mas o irmão responde que não é o rio, são os bois que apodrecem na água. Maria segue perguntando sobre a morte e seu cheiro, o que desencadeia em Arú uma lembrança do seu avô, de como ele o havia ensinado sobre as dinâmicas do rio. A conversa segue até que avistam um dos bois, só que ainda vivo. Em determinado momento, a angústia aparece e Arú diz à irmã que não sabe como ajudar um boi, ao que Maria lhe responde que o boi parece estar chorando. A narrativa é bastante tocante, o rio – que é caminho de afazeres – está interditado pela morte e pela surpresa da vida de um animal ao qual os irmãos atribuem tanta humanidade que se sentem livres para serem eles mesmos mais humanos, como vemos no trecho a seguir

Arú se sentou e encarou o bicho. Viu a própria imagem mirada naqueles olhos molhados, e ele e a irmã, dentro da canoa, a água marrom e o céu azul. Arú não quis acreditar que aquilo fossem lágrimas. Mas de repente sentiu-se livre para chorar. Chorou a morte do avô, choros por todas as vezes que precisou ser adulto.

Arú esticou a mão e acariciou a garupa do animal, ele estava cansado, queria viver. Maria parou de chorar e colocou a mão no ombro do irmão (Baía, 2022, p. 100).

Depois que decidem salvar e salvam o boi, os irmãos permanecem todo o resto da manhã sentados no açazeiro, observando o animal. Eles soltam a corda que usaram para puxar o boi e a menina faz uma reza para que ele siga vivo, mas, como ela mesma diz, é o boi que os encanta.

O que vai acontecer com o boi, Maria?

Eu não sei. O coitado estava triste...

O vovô dizia que no mato tudo fica encantado.

Acho que animal triste não fica encantado...

Arú se calou, os olhos sobre o rio.

Foi ele que nos encantou, a irmã disse (Baía, 2022, p. 102).

Maria Esther Maciel, em *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano* (2023), comenta, a partir da observação dos bovinos em Guimarães Rosa e dos felinos de Jacques Derrida, se o olhar animal humano ou não humano pressupõe sempre a singularidade de um ponto de vista e, sendo assim, desloca o efeito empático, perguntando “[...] o que sabem os animais, de fato, sobre nós?” (Maciel, 2023, p. 40). Esses recursos que Baía (2022) utiliza em seu conto criam um deslocamento que desafia a lógica antropocêntrica da narrativa. Ficamos com a impressão certa de que não apenas os irmãos têm sentimentos, mas o boi também. Além disso, em *Carne de boi*, o rio é cenário, mas não só, o rio é condutor da trama na trama, peça fundamental da vida, da morte, dos trânsitos e dos encontros. É dele e a partir dele que tudo acontece, o rio é um ente que fede, pois está adoecido.

Já em *Erva Brava*, de Paulliny Tort (2021), há um conto intitulado *Rios voadores*, em que o rio é o protagonista e vai, esteticamente, tomando a narrativa, a paisagem, a cidade, as vidas. Seu parágrafo de abertura diz

Na lama que desce o Morro da Baleia, vemos insetos que esperneiam, pedaços de pequenos bichos, patas articuladas, asas translúcidas, antenas, ossos, carcaças de passarinhos. Além de nós, não há testemunhas do que se passa agora, apenas eu e você presenciamos a água pardacenta que desce os morros com toda sorte de galhos e folhas, húmus e líquens. Depois de meses de estiagem, chegaram da Amazônia os rios voadores. Com eles, as tempestades. Sem trégua, durante três dias e três noites, a chuva caiu, encharcando a mata e a cidade, encolhendo os pássaros nos ninhos, enchendo as estradas de sapos que cantam o dilúvio. [...] É de velocidade impressionante, a enxurrada. Arrasta cobras, pacas, escorpiões, manobra por entre os troncos das árvores, desvia das rochas, arranca a terra crua do chão. Aonde tem tanta urgência de chegar, não sabemos (Tort, 2021, p. 92).

A lama, com seus seres ctônicos, está viva e têm urgência de chegar não se sabe onde, diz a narrativa. Conforme Donna Haraway (2023), narrativas tentaculares dariam conta do que ela chama de Chthuluceno:

As potências ctônicas da terra infundem seus tecidos por toda parte, apesar dos esforços civilizadores dos agentes dos deuses celestes para astralizá-los e estabelecer unicidades supremas e seus comitês amansados de múltiplos subdeuses, o Uno e o Múltiplo. Ao fazer uma pequena alteração na ortografia taxonômica dos biólogos, de *cthulhu* para *chthulu*, proponho com a *Pimoa chthulu* renomada, um nome para outro lugar e um outro tempo que foi, é, e talvez ainda possa vir a ser: o Chthuluceno. Lembro que *tentáculo*, que significa detector, e de *tentare* que significa sentir e tentar; então sei que minha aranha pernalta tem aliados com braços bem armados. Uma miríade de tentáculos será necessária para contar a estória do Chthuluceno (Haraway, 2023, p.61-62).

Com uma aranha chamada *Pimoa chthulo*, Haraway cria mais do que uma metáfora, uma categoria de produção de mundo e uma categoria de narrativa de mundo. A pessoa leitora é convocada a estar com quem narra para assistir não apenas a chegada dos rios voadores e sua ação, como também uma multiplicidade de seres que se amalgamam num novo ente que vai tomando a cidade e causando reações em seus moradores humanos e não humanos e, os colocando em pé de igualdade, como vemos no seguinte trecho: “Desentocados, os ratos nadam lado a lado com os homens e nesse momento são tão parecidas as duas espécies que não existe entre elas qualquer animosidade” (Tort, 2021, p. 94). Não é uma construção alegre de convivialidade, mas dentro do horror de um cataclismo. As águas, aliás, além de composta pelos seres já mencionados, também está composta pelo cheiro de esgoto: “A borraça das fossas subiu para se juntar à das granjas e neste momento as merdas de todos fazem parte dessa sopa” (Tort, 2021, p. 94-95). É esse rio caudaloso e irrefreável que, por fim, erradicara a existência da cidade, como perceberão os moradores que conseguiram se abrigar na igreja, no alto de um morro.

Pela manhã quando o sol se levantar, abrirão as portas da igreja e descobrirão que todas as casas desapareceram. E todas as lojas, a praça, o coreto. Verão que não existe mais mercado, rodovia, hospital, calçamento. Constatarão estupefatos que, à exceção da igreja dos pretos, não há mais nada. Apenas um único e imenso rio, onde Zezinho boiará e gargalhará com os olhos vidrados e a boca cheia de dentes apodrecidos. De um lado a outro do vale, a água se estenderá turva (Tort, 2021, p. 98).

Na história de Paulliny Tort, a localidade de Buriti Pequeno tal como era conhecida desaparece, mas o espaço ora ocupado por ela não se torna um imenso vazio. Pode-se ver a retomada de seu território por um rio. Uma tragédia humana, mas não uma tragédia para todos. Zezinho, o mendigo, bem como o rio e tudo que o compõe, por exemplo, segue em curso. Ler esse conto hoje, após as enchentes de maio de 2024, que varreram o território do Rio Grande do Sul, causando destruição e o desaparecimento de bairros e cidades inteiras, com suas casas, plantas, animais humanos e não humanos, faz pensar nas consequências e sequelas de tragédias como essa. Sabemos que parte é da força da natureza, mas grande parte também é responsabilidade das ações humanas, antes e depois da catástrofe. Uma catástrofe nunca é um ato isolado, antes existem os avisos e depois existem os ecos políticos, administrativos, culturais, que reverberam.

Em *O gosto amargo dos metais*, de Prisca Augustoni (2022), podemos compreender isso muito melhor, já que o conjunto de poemas trata não apenas de um crime ambiental amplamente conhecido, mas, para além disso, do ente contra quem o crime foi perpetrado: o rio Watu.

Já a sinopse de livro indaga: Como escrever após o desastre, com o desastre? As tragédias arquitetadas, e de algum modo previstas, de Mariana e Brumadinho deixam evidentes as contradições de um lugar que de tão rico foi tão devastado, sem dó. O paradoxo da abundância se faz visível, desde que Drummond (2012) disse “Quer ir para / Minas não há mais”. Nessas localidades, onde o extrativismo é prática corrente há anos, a tensão antropogênica é sentida apesar de talvez não ser nomeada desse modo. Nessa lógica, Prisca Augustoni dá enfoque ao rio, dizendo seu nome e tratando da importância de sua presença, construindo seu volume e amplitude no decorrer das páginas.

Watu é seu nome, o rio sagrado  
em seu leito há mãos / geológicas de seres vegetais,  
plantas pré-históricas  
o léxico aquático da língua borun  
um manuscrito fechado na gaveta,  
a civilização das raízes flutuantes (Augustoni, 2022, p. 14).

Assim como Paulliny Tort (2021) e Pedro Augusto Baía (2022), Prisca Augustoni (2022) dá centralidade ao rio, agora com mais ênfase em sua entidade. Reimaginar o rio e o desastre, um perímetro que se transformou em zona de sacrifício, contando com uma perspectiva não humano-centrada do ente sacrificado, impregnada do pensamento dos povos originários, por exemplo, é dar chance para que se tenha um novo imaginário. Isto é, estar disponível e disposto para outras leituras de mundo. É isso que entendo por dispositivo antropocênico: a literatura como fabulação para um novo modo de pensar este mundo colapsante em que vivemos. Não interessa apenas a antropogenia da cena, ou seja, quem causou o mal e para quais pessoas as consequências foram terríveis. Evidente que isso é importante e foi amplamente divulgado desse modo. No entanto, imaginar o rio e sua linguagem, o rio e sua vida, o rio e sua morte, como ente pertencente àquele lugar devastado é outro passo. É um descentramento antropológico. Não desconsidera o humano, mas o reorganiza no entorno de um *outro* que também tem a sua importância de existir por si mesmo, como podemos ler a seguir:

Watu é o rio dos dedos como garras  
Debaixo d'água são ramagens  
Enxame de cabelos  
colmeias  
Metamorfoses de formas  
e folhas (Augustoni, 2022, p. 34).

Podemos considerar essas fabulações do antropoceno, imagens da ruína e da utopia, imagens produzidas pela ação antropogênica, em maior ou menor grau, compostas e decompostas em texto literário e transformadas em dispositivos antropocênicos. Fabulações que emergem de desastres ou do pensamento colonial e que desembocam num embate com o bem-viver. Por outro lado, as imagens produzidas são também de autonomia da natureza, de seu caráter ontológico, vivo. Essas fabulações, juntas, no mesmo caudaloso rio, nos assombram e nos alegam, ao mesmo tempo. Essas são narrativas que nos fazem pensar numa compreensão de responsabilidade, como diz Donna Haraway (2023), com o mundo, pensado como um sistema complexo humano e não humano, atravessado por todas as tensões já mencionadas. Um rio tem lugar de fala? Me pergunto assombrada ao lembrar dos rios Machángara, no Equador, e o rio Laje ou Komi-Memen, da cidade de Guajará-Mirim, em Rondônia, que “moveram” ações judiciais para se manterem vivos e despoluídos.

É importante ressaltar que o fim do mundo é um evento em progresso, desde muito tempo, e ele não chega para todos os seres ao mesmo tempo, como em um imenso cataclismo. A aniquilação é um processo seletivo, são fins de sistemas de mundo, de organizações de mundo, de epistemologias de mundo, de cosmologias de mundo, e de seres que contêm um mundo. Isso nem sempre a todos contempla. Nos responsabilizar pelos problemas, ficar com as inquietações e fazer delas também um caminho coletivo de vislumbre para esperança é um caminho possível e a literatura está aí viva e pulsante para essa educação de pensamentos e recomposição de imaginários. As ideias de que falam Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Marcia Kambeba e Graça Graúna, em seus livros e, em grande medida, o que dizem os conhecimentos dos povos originários sobre a terra e seus seres parecem estar, ainda muito timidamente, chegando à parcela branca da população. Para além das obras críticas e literárias, ainda muitos artistas e



pensadores indígenas vêm produzindo modos de pensar o mundo com a arte, tais como Denilson Baniwa, Gustavo Caboco, Daiara Tukano, Yacuna Tuxá, Uyra Sodoma, para nomear poucos de muitos.

Ter a liberdade de fabular, de imaginar o fim desse mundo, desse sistema mundo triste, violento e usurpador em que vivemos é a grande utopia. O fim desse mundo pode pressupor melhores possibilidades de vida. É uma dupla imaginação que impõe consequências, mas também desejo e sonho. O movimento em direção a algo que talvez não saibamos definir ainda. A mim, parece que a literatura brasileira contemporânea tem, de algum modo, buscado esse movimento.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- AGUIAR, C. *O gótico nordestino*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.
- AIN-ZAILA L. *Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo*. Rio de Janeiro: Lu Ain-Zaila, 2019.
- ANDRADE, C. D. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- APARECIDA, L. *Mata Doce*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.
- AUGUSTONI, P. *O gosto amargo dos metais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.
- AZEVEDO, L. M. *Pequeno espólio do mal*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2018.
- BAÍA, P. A. *Corpos benzidos em metal pesado*. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2014.
- DANTÉS, M. *Vento vazio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- FERDINAND, M. *Por uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução de Leticia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- GALERA, D. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- HARAWAY, D. J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- KRETZMANN, M. *Água turva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- LISBOA, A. *Os grandes carnívoros*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2024.
- MACIEL, M E. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Instante, 2023.
- MAIA, A. P. *Enterre seus mortos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- MARQUES, E. *Louças de família*. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.
- MESTRE, D. *Crônicas do apocalipse*. Belo Horizonte: Caravana, 2023.
- MITRANO, B. *Ninguém quis ver*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- NASCIMENTO, T. *07 notas sobre o apocalipse*. Rio de Janeiro: Garupa, 2019.
- POLESSO, N. B. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- POLESSO, N. B. A literatura como dispositivo antropocênico: considerações acerca do processo criativo em *Corpos secos*, A extinção das abelhas e *Perfeita tecnologia*, de Natalia Borges Polesso. *Abusões*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 24, p. 459-482, 2024. DOI: 10.12957/abusoes.2024.81825. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/81825>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- PEREIRA, A. P. V.; MARTINS, D. G.; PEREIRA, L. P.; SAMPAIO, S. M. V. Ficções no Antropoceno: sonhos (de)compostos em castas do fim do mundo. *ClimaCom Cultura Científica*, Campinas, ano 6, n. 16, p. 113-125, dez. 2019. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ana-paula-valle-pereira-daniel-ganzarolli-martins-lais-de-paula-pereira-shaula-maira-vicentini-de-sampaio-ficcoes-no-antropoceno-sonhos-decompostos-em-cartas-do-fim-do-mundo>. Acesso em: 04 jun. 2025.
- QUARTAS, A. *Madreselva*. São Paulo: Diadorim, 2023.
- QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.
- SAAVEDRA, C. *O manto da noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SILVA, Cidinha da. *Parem de nos matar*. São Paulo: Pólen, 2019.
- TAVANO, S. *Ressuscitar mamutes*. Belo Horizonte: Autêntica contemporânea, 2024.
- TAVARES, L. *O congresso da melancolia*. Cotia: Urutau, 2021.
- TERRON, J. R. *A morte e o meteoro*. São Paulo: Todavia, 2019.
- TORT, P. *Erva brava*. São Paulo: Fósforo, 2021.
- VALEK, A. *As águas-vivas não sabem de si*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- VERUNSCHK, M. *O som do rugido da onça*. Companhia das Letras, 2021.
- VIEIRA JR. I. *Salvar o fogo*. São Paulo: Todavia, 2023.
- XERXENESKY, A. *Uma tristeza infinita*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.



Recebido em 26/02/20205. Aceito em 24/04/2025.

Publicado em 25/09/2025.